

Pedro Afonso Vasquez

Graduado em Cinema pela Universidade de Sorbonne.
Mestre em Ciência da Arte pela Universidade Federal Fluminense.

Do Império à República

Família Ferrez, uma dinastia a serviço da cultura brasileira

Este artigo evoca a importância da contribuição da família Ferrez para o desenvolvimento das artes plásticas no Brasil, desde os tempos da Missão Artística Francesa, quando aqui aportaram seus primeiros representantes, até a época atual, quando seus descendentes doaram ao Arquivo Nacional o arquivo pessoal do historiador Gilberto Ferrez.

Palavras-chave: arte no Brasil; corte imperial; transição para a República; documentação visual da evolução urbana.



The article evokes the importance of the Ferrez family's contribution to the development of the arts in Brazil, since the Artistic French Mission, when their first members arrived, until the present time, when their descendants donated to the National Archives of Brazil the personal collection of the historian Gilberto Ferrez.

Keywords: arts in Brazil; imperial court; transition to Republic; visual documents of urban evolution.

A influência cultural francesa sobre o Brasil ocorreu de forma bastante peculiar e benéfica pelo fato de não ter sido contaminada por vínculos coloniais. Foi uma influência solicitada e não imposta pela matriz, até

mesmo no caso da chamada Missão Artística Francesa, em que o modelo francês foi proposto pelo soberano português expatriado. Isto porque, caso lhes fosse dado o poder de escolha, os artistas brasileiros teriam certamente escolhido o modelo

daquele país para a Academia Imperial das Belas Artes, em virtude da posição de liderança então exercida pela França no setor. Poderiam porventura ter escolhido outros artistas como mestres, mas dificilmente teriam optado por outro modelo. Prova disso é que mais adiante, no século XX, foi sobretudo em Paris que os modernistas da Semana de 22 buscaram inspiração para romper com o academicismo propalado pela AIBA (denominada Escola de Belas Artes, a partir de 1890), assim como na década seguinte a Universidade de São Paulo viria a renovar o estudo das ciências sociais no Brasil graças à sua própria “missão francesa”, da qual fizeram parte, entre outros, Roger Bastide, Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Claude Lefort e Pierre Monbeig, intelectuais e pensadores de primeira linha que ajudaram a fazer da Universidade de São Paulo a mais importante da América Latina.

Por outro lado, assim como nos fertilizou com suas influências e inspirações, a França sempre soube reconhecer o talento brasileiro no campo cultural, ajudando a catapultar para o estrelato internacional artistas e autores das mais variadas tendências e a consolidar – até no próprio Brasil, como foi o caso do Cinema Novo – nossos movimentos e tendências. Sem contar que acolheu os intelectuais brasileiros durante o período da ditadura militar a partir de 1964, franqueando as salas de aula das suas universidades a nomes como Fernando Henrique Cardoso, Milton Santos e Celso Furtado.

OS IRMÃOS FERREZ DA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

Beneficiando-se da predisposição benigna em relação aos franceses, dois escultores integrantes da Missão Artística resolveram se fixar definitivamente no país que os havia acolhido tão bem, ao invés de retornar à terra natal quando findou o contrato de trabalho que os trouxe ao Rio de Janeiro: os irmãos Zéphérin (1797-1851) e Marc Ferrez (1788-1850). Este último teria destino mais discreto e não deixou descendência. O primeiro desempenhou um papel pioneiro, determinante em campos tão diversos quanto a fabricação de papel, a fundição de arte e a fabricação de botões de fardas e de canos e ferro para o abastecimento de água. Distinguiu-se, sobretudo, na área da numismática, sendo responsável pela primeira medalha desenhada e cunhada no Brasil, em 1820, para a aclamação de d. João VI, recebendo mais tarde a incumbência da realização das moedas de ouro de seis mil e de quatrocentos réis, especialmente cunhadas para a coroação de d. Pedro I. Moedas que, como lembra Mello Moraes, integraram o próprio ato da coroação, sendo portadas pelo “Copeiro-Menor, o Ilmo. Joaquim José de Magalhães Coutinho, que tinha nas mãos um riquíssimo vaso de ouro como oferenda, composta de muitas peças do novo cunho do Império (moedas comemorativas da Coroação) se dirigiu ao altar”.¹

Os pontos culminantes da carreira de Marc Ferrez foram a realização de um busto de

d. Pedro I, em 1826, e outro de d. Pedro II, em 1846. Merecem igualmente menção os bustos de Martim Francisco Ribeiro de Andrada, de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, de José Bonifácio de Andrada e Silva, e do regente Pedro de Araújo Lima, todos realizados em 1839 e exibidos com sucesso na Exposição da Academia Imperial das Belas Artes nesse mesmo ano. Juntos, os irmãos Ferrez esculpiram, em 1819, um berço de madeira suspenso sobre uma guirlanda de flores, mantida por duas esfinges, para d. Maria, primeira filha do imperador Pedro I e da imperatriz Leopoldina. Entre os anos de 1824 e 1830, Marc e Zéphérin efetuaram, ainda, todos

os baixos-relevos e a decoração interna e externa da Academia das Belas Artes, projetada por Grandjean de Montigny. Quando o prédio da Academia foi demolido em 1939, a diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ordenou a remoção da fachada realizada pelos irmãos Ferrez para o Jardim Botânico, onde se encontra até hoje.

O FOTÓGRAFO MARC FERREZ

Apesar dos méritos do primeiro portador, o nome Marc Ferrez se tornaria mais conhecido graças ao seu segundo usuário, o fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923), sobrinho



Imperador Pedro II e outros visitam o túnel da Mantiqueira das Minas and Rio Railway, fotografia de Marc Ferrez, 1882

e afilhado do primeiro, e mundialmente aclamado como o mais importante fotógrafo brasileiro do século XIX. Assim como o pai, Zéphérin, Marc Ferrez também exerceu papel pioneiro em diversas oportunidades. Durante os anos de 1875 e 1876, integrou a Comissão Geológica do Império, comandada por Charles Frederick Hartt. Foi o único profissional a merecer o título de Fotógrafo da Marinha Imperial (1880), sendo agraciado com a comenda de Cavaleiro da Ordem da Rosa em 1884. Aliando profundo conhecimento técnico a uma invulgar sensibilidade artística, foi o primeiro brasileiro a utilizar o *flash* de magnésio, ao fotografar a Mina da Passagem, na então província de Minas

Gerais, em 1888. E, malgrado a confessa predileção pela fotografia paisagística, também deixou sua marca no domínio do retrato, em virtude dos registros informais dos membros da família imperial, da documentação de tipos indígenas realizada para Hartt, bem como da série consagrada aos vendedores ambulantes de origem europeia que substituíram a mão de obra escrava nas ruas do Rio de Janeiro em 1899.

Muito mais do que apenas um ótimo fotógrafo, Marc Ferrez era um profissional completo, que chegou a conceber e mandar confeccionar câmaras sob encomenda, como aquela especialmente projetada



Aspecto da fachada do cinema Pathé, na avenida Central, na época de sua inauguração, fotografia de Marc Ferrez, 1907

para a fotografia a bordo de embarcações (elogiada no *Bulletin de la Société Française de Photographie*, em 1886), e outra de formato panorâmico, que operava com enormes chapas de 40x110cm. Essa câmara, produzida pela firma Brandon, era de manuseio extremamente difícil, pois, diante da inexistência de negativos industriais deste formato, Marc Ferrez era forçado a emulsionar ele mesmo as placas que pesavam oito quilos e tinham apenas cinco milímetros de espessura.

Marc Ferrez conquistou uma distinção honorífica já na primeira participação na Exposição Geral de Belas Artes da Academia Imperial, em 1879. Teve, ainda, intensa participação em eventos internacionais, obtendo prêmios na Exposição Universal da Filadélfia, em 1876 (medalha de ouro); na Exposição Universal de Paris, em 1878 (medalha de ouro); na Exposição Continental de Buenos Aires, em 1882 (medalha de prata); na Exposição Internacional de Amsterdã, em 1883 (medalha de bronze); na Exposição Internacional de Antuérpia, em 1885 (medalha de bronze); e na Exposição Universal de Paris, em 1889 (medalha de bronze). Em 1913, Marc Ferrez publicou o *Álbum da avenida Central*, focalizando a construção da atual avenida Rio Branco entre 1903 e 1906. Foi também um dos pioneiros da exploração comercial do cinema, ao abrir, em 1907, a terceira sala de projeção da cidade do Rio de Janeiro, o cinema Pathé,

além de representar no Brasil produtos e equipamentos fotográficos e cinematográficos não só da firma Pathé, como dos irmãos Lumière.

JÚLIO E LUCIANO, FILHOS E SÓCIOS DE MARC FERREZ

Com a realização da exposição *Família Ferrez: novas revelações*,² ficou evidente que os filhos de Marc Ferrez – Júlio (1881-1946) e Luciano (1884-1955) – não deveriam ser louvados unicamente pela importantíssima contribuição dada à evolução do cinema nacional, devendo ser encarados como membros de uma verdadeira dinastia fotográfica, integrada também pelo filho de Júlio, Gilberto Ferrez (1908-2000), celebrado até então pelos seus estudos sobre a iconografia nacional.

Treinados pelo pai, tanto Júlio como Luciano possuíam nível técnico excepcional, sendo que o primeiro foi autor de um manual técnico, *O amador photographo: conselhos práticos por J. Ferrez*. Por outro lado, Gilberto Ferrez foi pioneiro da fotografia de montanhismo, publicando ensaios fotográficos sobre suas escaladas em importantes periódicos na década de 1930, entre os quais *O Cruzeiro* e a *Revista da Semana*. Realizou, ainda, uma exposição individual, em 1933, na Pró-Arte Sociedade de Artes, Letras e Ciências, do Rio de Janeiro, na época em que o responsável pela organização das mostras de artes plásticas era o renomado pintor Alberto da Veiga Guignard.

O arquivo fotográfico da família Ferrez, hoje pertencente ao acervo do Arquivo Nacional, contém cerca de oito mil negativos e alguns milhares de ampliações, acondicionadas numa série de álbuns em que as fotografias feitas por Júlio e Luciano costumam misturar-se com as de Gilberto. A produção de Luciano é marcada por seu interesse pela arquitetura e engenharia, englobando não só uma exemplar documentação sobre o arrasamento do Morro do Castelo, como toda a construção do edifício do cinema Pathé na Cinelândia, dos alicerces à apresentação do primeiro filme, em 1928. Júlio se interessa mais pelo retrato, focalizando desde humildes trabalhadores braçais ou populares no Senegal e em Portugal, até a própria família, com um talento comparável ao do célebre francês Jacques Henri Lartigue (1894-1986).

Além do exemplar registro do desmonte do Morro do Castelo e da Exposição Nacional Comemorativa do Centenário da Independência, a documentação dos irmãos Júlio e Luciano Ferrez mostra a reforma do Largo da Carioca; a construção da Cinelândia; aspectos diversos do Centro da cidade; vistas tomadas de Santa Teresa; o perfil original do Mercado Municipal na Praça XV; a expansão da cidade em direção à Zona Sul e, em seguida, rumo à Barra da Tijuca. Estes temas foram igualmente tratados por Gilberto Ferrez, que perseverou neste registro até englobar a construção da avenida Presidente Vargas, na década de 1940, percorrendo, ainda, o Brasil de norte a sul, com ênfase na documentação dos sítios e monumentos de interesse histórico.



Vista do desmonte do morro do Castelo, fotografia de Júlio Ferrez (década de 1920)

Dos três sócios da firma Marc Ferrez & Filhos, Júlio foi o mais ativo no campo da realização cinematográfica, começando em 1907 com documentários como *Indústria da madeira no Paraná e Colheita, preparação e embarque do café*, e passando, no ano seguinte, a dirigir dramas como *O triunfo de Nero* e o *Crime da mala*, além de comédias como *Nhô Anastácio chegou de viagem* – considerada a primeira obra cômica do cinema nacional. Foi precursor também dos musicais, ou “filmes cantantes”, como se dizia então, tendo dirigido diversos deles para William Auler, o principal produtor nacional do gênero na fase pioneira.

O LEGADO DE GILBERTO FERREZ

Otimista incansável em relação ao Brasil, Gilberto Ferrez não foi, no entanto, um iludido ou um sonhador. Dotado da inquebrantável determinação de um lúcido Quixote, ele sempre investiu contra os moinhos de vento da ignorância e da incúria, conclamando-nos a reconhecer e a valorizar nossas invulgares riquezas culturais e naturais, sem interesse maior do que o de ver esse patrimônio preservado e enriquecido a fim de ser usufruído pelas gerações futuras.

Atuou durante décadas a fio como conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), desempenhando papel fundamental no tombamento e na restauração de importantes bens culturais – como o Paço Imperial, prédio fundamental para a costura de nossa

identidade nacional, por ter sido, sucessivamente, sede do governo colonial e do governo imperial – ou naturais, como o Pão de Açúcar, um dos símbolos maiores não só da cidade do Rio de Janeiro como do Brasil. Em parecer datado de 14 de julho de 1973, Gilberto afirmou:

Parece inacreditável que tenhamos que alinhar dados e fatos para provar a necessidade de tombamento do Pão de Açúcar – o símbolo de nossa maravilhosa cidade. Não só o símbolo, mas o marco, a baliza histórica da entrada da mais bela baía do mundo, desde a sua descoberta até hoje e sempre. Sim, até sempre, porque não é crível que o queiram transformar em pedra britada, para continuarmos a construir torres cada vez mais altas e mais horrendas e desumanas, que estão desfigurando esta cidade para o enriquecimento de alguns em detrimento de todos. (...) O tombamento do Pão de Açúcar é um caso típico do óbvio ululante do nosso Nelson Rodrigues. Como não proteger o morro que viu a cidade nascer nos seus pés e cujo costão serviu-lhe de padrao, cuja mata deu água, sem o que a cidade nascente não poderia subsistir durante aqueles dois terríveis primeiros anos de constantes lutas.³

Bastam estes dois exemplos para evidenciar a magnitude da influência de Gilberto Ferrez na vida de milhões de pessoas que, ignorantes de sua ação benfazeja, jamais ouviram e, provavelmente, jamais ouvirão falar dele – uma influência que exercia da

forma elegante e discreta do verdadeiro *gentleman* que foi.

Gilberto Ferrez foi uma espécie de “bandeirante cultural”, desbravando caminhos pelos quais ninguém havia ousado se aventurar antes. Foi assim que numa época (a década de 1940) na qual tanto a iconografia clássica quanto a fotografia eram desprezadas como fontes históricas, Gilberto soube perceber com grande antecipação o valor destes documentos visuais para o estudo da história, tornando-se o primeiro especialista em imagem do país e também o primeiro representante do gênero no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Escreveu o ensaio inaugural *A fotografia no Brasil e um de seus mais dedicados servidores: Marc Ferrez, 1843-1923*, em 1950, quando estudos semelhantes ainda eram raros tanto na Europa como nos Estados Unidos. Sua ação pioneira se torna mais evidente quando se sabe que, naquele momento, a fotografia era encarada entre nós com inacreditável desdém, de tal forma que, sem seus numerosos livros e sem sua atividade como colecionador, parte substancial do acervo fotográfico oitocentista teria se perdido ou destruído. Não é, portanto, exagerado afirmar que, se no Brasil atual a fotografia figura em destaque em prestigiosas coleções públicas, é estudada nas principais universidades, celebrada nas bienais e nos demais eventos artísticos de grande porte, isto se deve basicamente ao seu esforço precursor. Vale lembrar, ainda, a este respeito que Gilberto Ferrez foi o principal responsável pela inclusão da fotografia clássica brasileira no cenário

internacional, com a exposição realizada, em 1976, no The Center for Inter-American Relations, em Nova Iorque, e com a edição de dois livros de sua autoria em língua inglesa (*Pioneer photographers of Brazil* e *Photography in Brazil, 1840-1900*), que retiraram nossa fotografia do limbo, onde permanecia até então, ausente dos compêndios estrangeiros sobre a história mundial da fotografia.

Por ter sido pioneiro absoluto neste campo, sua contribuição mais festejada é relacionada com a história da fotografia. Contudo, seu interesse extrapolava em muito esse setor para abarcar a iconografia brasileira, ou relativa ao Brasil, como um todo, ramificando-se a partir daí por diversos outros setores, como a evolução urbana, a presença estrangeira no país, a estatuária e os monumentos públicos, a bibliofilia e a numismática, por exemplo. O mais incrível é que, malgrado a diversidade e a intensidade de sua atividade autoral, Gilberto sempre trabalhou sozinho e com recursos próprios, sem jamais receber qualquer tipo de patrocínio externo para o desenvolvimento de suas pesquisas. Foi assim, sem pompa e sem alarde, que, ao longo de mais de cinquenta laboriosos anos, ele construiu sua obra monumental, o *Catálogo analítico da iconografia do Rio de Janeiro, 1550-1890*, registrando absolutamente “tudo que se esboçou, desenhou, gravou e pintou sobre a cidade”.⁴ Foi o fecho magistral de uma vida inteira dedicada ao estudo e à pesquisa, mas era apenas um dos projetos que os problemas de saúde o impediram

de concluir. Entre eles, figuravam: um livro sobre a documentação da mineração na província de Minas Gerais, por Marc Ferrez; outro sobre a cidade de Petrópolis fotografada por Revert Henrique Klumb; um terceiro sobre o porto paulista de Santos, documentado por Militão Augusto de Azevedo; além de um quarto volume que deveria ser consagrado aos panoramas cariocas de Marc Ferrez.

Apesar de ter sido em vida uma verdadeira instituição, em virtude do inestimável valor de sua obra, Gilberto Ferrez soube conservar permanente jovialidade. Aqueles que conheciam sua faceta de pé de valsa, ou que o escutaram discorrer com entusiasmo sobre seus artistas prediletos, ou sobre os miquinhos que vinham acompanhar o chá vespertino na varanda de sua residência da rua Sarapuí, puderam apreciar a formidável força vital de que era imbuído. Pesquisador nato, Gilberto tornou-se o natural conservador dos arquivos familiares, que entesourava com fervor, consciente da importância futura que esses documentos teriam para o estudo de diversos campos da cultura brasileira. Assumindo esse papel e passando a divulgar a produção iconográfica de outros, Gilberto deixou de mostrar as próprias fotografias, merecedoras, no entanto, de grande atenção, não só por suas qualidades plásticas intrínsecas, como pelo fato de mostrarem, como já foi dito, aspectos da evolução urbana carioca e das riquezas naturais e arquitetônicas de diversos estados brasileiros – documentos visuais que ele costumava empregar para respaldar sua atuação como membro do

Conselho Federal de Cultura e como consultor do IPHAN.

DOAÇÃO DA FAMÍLIA FERREZ AO ARQUIVO NACIONAL

Gilberto Ferrez sempre teve consciência de sua missão educativa, com nítida convicção da importância de quem constrói, num país onde muitos destroem e outros tantos nada fazem. Felizmente, sua família soube seguir seu exemplo, alinhando-se entre os construtores e fazendo essa inestimável doação ao Arquivo Nacional. Tão importante que, num rápido relance, é possível listar dez linhas de trabalho que podem ser desenvolvidas a partir do acervo doado pela família Ferrez, a saber:

- História do cinema no Brasil;
- História da fotografia no Brasil;
- História da arte no Brasil;
- História da Missão Artística Francesa (não esquecendo que a Imperial Academia de Belas Artes ensinava também disciplinas e técnicas que hoje são divididas entre diversas áreas, além da artística, tais como: arquitetura, engenharia, mecânica, desenho industrial, *design* gráfico, urbanismo e saneamento urbano);
- História da numismática;
- História do comércio na cidade do Rio de Janeiro;
- Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro;

- História da presença francesa no estado do Rio de Janeiro;
- História da cultura (em particular no que diz respeito à substituição da influência francesa pela norte-americana);
- História do Brasil (abarcando desde o período colonial, atravessando os dois reinados e chegando ao atual período republicano).

Um verdadeiro tesouro que engloba, praticamente, dois séculos inteiros, visto que os irmãos Ferrez aqui aportaram em 1817, e que as sete filhas de Gilberto Ferrez tiveram a grandeza de doar ao Arquivo Nacional, em 22 de outubro de 2007, não apenas para perpetuar a honrosa memória, como também para nos ajudar a renovar sempre o orgulho e o prazer de sermos brasileiros. Orgulho e prazer que Gilberto Ferrez tinha mais do que ninguém.

N O T A S

1. Em *História do Brasil Reino e Brasil Império* (1871), citado por FERREZ, Gilberto. In: Os irmãos Ferrez da Missão Artística Francesa. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1968, p. 9. Separata de: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n. 275, abr.-jul. 1967.
2. Realizada no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro, entre 26 de fevereiro e 27 de abril de 2008, com curadoria de Pedro Karp Vasquez e Júlia Peregrino e consultoria técnica de Helena Dodd Ferrez, esta mostra foi apresentada no mesmo ano no Museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte, e na Casa Romário Martins, em Curitiba.
3. FERREZ, Gilberto. Trecho do parecer de Gilberto Ferrez, relator do processo de tombamento pelo IPHAN do Pão de Açúcar e outros morros do Rio de Janeiro, 14 de julho de 1973, reproduzido na *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 22-23, 1998.
4. In: Obituário. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 maio 2000.

Recebido em 1/7/2009

Aprovado em 31/8/2009